



A F Y A E D U C A C I O N A L

Uniredentor

PSICOLOGIA

VIRNA LISI MOZER

**A MULHER NA MEIA IDADE E SUA RELAÇÃO COM O CORPO NO PROCESSO
DE ENVELHECIMENTO: UM OLHAR PSICANALÍTICO.**

Itaperuna/RJ

2021

VIRNA LISI MOZER

**A MULHER NA MEIA IDADE E SUA RELAÇÃO COM O CORPO NO PROCESSO
DE ENVELHECIMENTO: UM OLHAR PSICANALÍTICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à UniRedentor como
parte dos requisitos para a
obtenção do título de Bacharela em
Psicologia.

Orientador: Prof.^a Camilla Crespo

Itaperuna/RJ

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

Acadêmica: VIRNA LISI MOZER.

Título: A MULHER NA MEIA IDADE E SUA RELAÇÃO COM O CORPO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: UM OLHAR PSICANALÍTICO.

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Objetivo: Título de Bacharela em Psicologia.

Instituição: UniRedentor.

Área de Concentração: Psicologia.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof.^a M.^a Camilla Crespo

Orientador

Instituição: UniRedentor – Itaperuna/RJ

Prof.^a M.^a Leticia Santos Cerqueira

Instituição: UniRedentor – Itaperuna/RJ

Prof.^a M.^a Mariana Carvalho Ferreira Gomes

Para LALUBA, minhas filhas, o motor que
me põe em movimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Cristo Jesus, pela graça dispensada a mim nesse tempo, sem a qual, não seria possível a conclusão da graduação no curso de Psicologia, curso esse, desejado desde a adolescência. A Ele à honra e à Gloria para sempre!

Agradeço ao meu marido Paulo, meu amor, meu companheiro da vida pelo apoio, investimento e incentivo diário. Obrigada Rosa, por todo carinho, amor e paciência.

Às minhas filhas que amo (Laís, Luma e Barbara), vocês são minha herança para sempre. Aos meus pais (Natanael e Dalva), meus irmãos (Natanael Jr e Naelson) e aos meus familiares (os Mozer, os Silva, os Rosa Pereira) Brindo a vocês por tudo que me tornei ao longo dessa vida, “boa de se viver em qualquer lugar”.

Agradeço aos meus professores, pela transmissão de conhecimento durante curso. Obrigada, Denise Mello, Camila Crespo, Jorge, Carol, Debora, Amanda Vargas, Dura Ferrer, Leandra, Letícia, Maxwell (foi quase, Max), Renata, Viviane, Josélio Souza, Alessandra Tozzato.

À minha orientadora, Camila Crespo por ser simplesmente a melhor! Me inspirou e despertou em mim o desejo pela bela psicanálise (complicada, feminina e francesa). E obviamente, não poderia faltar um singelo agradecimento à Denise Mello, pelo exemplo, apoio, incentivo e olhar acolhedor em momentos críticos.

Agradeço aos meus amigos queridos que de alguma maneira, muitas vezes até mesmo sem saber, me ajudaram pela simples presença. Em especial desejo agradecer as minhas amigas: Mariana com sua alma inspiradora, minha amiga aos 16, aos 24 e sempre. Ana Paula, minha amiga de antes e para a vida. Obrigada Ana, por embarcar nessa comigo.

Aos amigos que fiz no percurso da graduação: Grupo de Tudo Sempre (Ana, Mabel, Rico, Bruna, Letícia e Bela) ao meus lindos do grupo de psicanálise (Adelito, Betta, Isabel, Samara) que privilégio meus queridos! Vocês são feras, vocês me inspiram! Por fim, agradeço a Simone Medina e ao grupo de estudos “Édipo e fantasia” que tanto tem contribuído para minha formação, reafirmando o desejo de ser analista. Obrigada a todos, principalmente por todas as gargalhadas! Elas foram essências.

RESUMO

O presente estudo se caracteriza por uma revisão de literatura exploratória e narrativa, que tem como objetivo investigar a relação que a mulher estabelece com seu corpo no processo de envelhecimento, buscando compreender as influências sociais que operam nesse processo, além do próprio percurso interno e subjetivo de cada um. Partindo da construção de um percurso histórico sobre a concepção de beleza, o estudo visa se aprofundar na perspectiva psicanalítica dessa relação corpórea no envelhecimento da mulher, assim como seus desdobramentos, sem deixar de lado a interlocução com as questões sociais e culturais. Para tal, foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica qualitativa, de publicações nacionais e internacionais nas bases de dados SciELO, Pepsic, Google Acadêmico, Redalyc, entre outras, objetivando a construção de um arcabouço teórico reflexivo sobre o tema em voga. Inicialmente foram selecionados 30 artigos e durante a execução da revisão bibliográfica foram excluídos os que no seu teor foram identificados como não relacionados com este trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Corpo; Envelhecimento; Psicanálise.

ABSTRACT

The present study stands out for a review of the exploratory and narrative literature, which aims to investigate the relationship that women need with their bodies in the aging process, seeking to understand the social influences that operate in this process, in addition to the internal and subjective opinion of each one. The study aims to deepen the psychoanalytic perspective of this bodily relationship in the aging of women and its unfolding without leaving aside the dialogue with social and cultural issues starting from constructing a historical path about the conception of beauty. To this end, the intention is to carry out qualitative bibliographic review research of national and international publications in the databases SciELO, Pepsic, Google academic, and Redalyc, aiming to construct a reflective theoretical framework on the current topic. Initially, 30 articles were selected and, during the literature review, those identified as unrelated to this work were excluded.

KEYWORDS: Woman; Body; Aging; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	8
1 A DIMENSÃO DA BELEZA NO TEMPO	10
2 O ESTATUTO DO CORPO NA PSICANÁLISE.....	15
2.1 O Corpo Pulsional	16
2.2 O Corpo Narcísico	17
2.3 O Corpo enquanto Sintoma.....	19
3 O LUTO DO CORPO ENVELHECIDO	22
4 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

Diante do cenário atual é possível observar um movimento crescente, principalmente do público feminino, rumo à um ideal de beleza que tem se voltado cada vez mais aos atributos estéticos de um corpo que transmita o belo e, acima de tudo, perfeição. Esse processo pode ser observado pelas inúmeras intervenções cirúrgicas já no início da juventude, aumento no consumo de cosméticos e fármacos e estímulo a práticas alimentares arriscadas. Todos esses aspectos têm se desdobrado frequentemente em um adoecimento psíquico em escala global (SILVA e REY, 2011).

Em nossos dias, a identidade do corpo das mulheres equivale à harmonia entre a tríade beleza-saúde-juventude. Influenciadas especialmente pela cultura midiática, cada vez mais elas estão se colocando a serviço de seus corpos, sendo incitadas a identificar a sua beleza com juventude e juventude com saúde (*Ibidem*, p. 556).

Assim, é possível observar que para além de um corpo magro, cuja estética também se aproxima de padrões de cor cada vez mais claros em tom de pele e cabelo, os ideais de beleza estão sendo cada vez mais associados à juventude, ao que é novo, distanciando a longos passos o processo de envelhecimento como processo a ser vivido.

Nesse contexto, Del Priore (2009) destaca que a tríade beleza-saúde-juventude se reforçou pelos meios midiáticos no século XX e que a imagem do belo se reafirmou a partir da “tirania da perfeição física. Hoje, todas as mulheres querem ser magras, leves e turbinadas” (*Ibidem*, p.79).

Nesse sentido, para além dos processos culturais, sociais, políticos e históricos, que fundamentam e reforçam fenômenos como os supracitados, no cerne dessa busca por um ideal de beleza reverenciado pela mídia está o sujeito, que também enaltece os conteúdos midiáticos e reforça um movimento sociocultural de beleza, juventude e saúde (SILVA e REY, 2011).

A partir dessa perspectiva e entendendo o público feminino como alvo principal desses atravessamentos e público cerne dessa pesquisa, a Psicanálise se propõe a discutir esses processos de subjetivação do sujeito, principalmente no que concerne à sua relação com o corpo; e aqui, em especial, desse corpo em processo de envelhecimento.

Para tanto, o trabalho percorrerá uma trajetória história acerca do conceito que a beleza foi adquirindo no decorrer de períodos marcantes na história para que, em seguida, seja trazida uma perspectiva psicanalítica de beleza e do estatuto do corpo para a mesma, assim como alguns conceitos importantes para essa abordagem. E, ao fim, uma discussão sobre essas temáticas e no que o luto desse corpo envelhecido se envolve nesse contexto.

1 A DIMENSÃO DA BELEZA NO TEMPO

A beleza corporal se trata de um objeto de desejo dos seres humanos, em especial das mulheres, desde as primeiras civilizações. Todavia, o belo não pode ser caracterizado por atributos cristalizados e sim através da construção histórico social que no decorrer dos séculos e décadas foi adquirindo – ou perdendo – atributos (FIN *et al*, 2017).

Desde os primórdios, o corpo e a força física foram imperativos como qualidade humana para garantir a sobrevivência do homem primitivo, que encontrava na natureza os desafios do cotidiano. Sua capacidade de interação com a natureza e do seu domínio por meio do corpo determinava a organização social e a sobrevivência da raça. Entretanto, o homem primitivo já se preocupava com o belo, com as formas simétricas e perfeitas já consideradas predicados para o corpo. Vale lembrar que além disso a forma fundamental do homem primitivo se expressar era através da linguagem gestual, apontando a participação do corpo nas interações sociais (PELEGRINI, 2005).

Na Grécia antiga a beleza era reverenciada e vista como virtude, os corpos nus dos homens eram exibidos nas ruas sem nenhum pudor; usavam vestes soltas capazes de absorver o calor e manter o equilíbrio térmico. Todavia, apenas os corpos masculinos de homens livres deveriam ser exibidos e admirados, de modo que eram excluídos os escravos e as mulheres, que não eram vistos como alguém que se deveria admirar. O corpo perfeito para os gregos era concebido a partir do masculino, enquanto ao feminino pertencia a fidelidade e obediência, tanto aos pais como a seus maridos. A função da mulher em sociedade era simplesmente a de procriação, de gerar herdeiros. Para os gregos, o corpo da mulher era um corpo masculino invertido, e por isso, considerado inferior ao corpo masculino. Este, por sua vez, era trabalhado com árduas atividades físicas, regras de alimentação e técnicas de meditação, a fim de produzir seu aprimoramento e alcançar a virtude. A esses corpos masculinos pertencia o domínio do prazer (SOUZA *et al*, 2018).

Ainda nesse contexto, era valorizado – além da força física – a agilidade e a destreza para a participação nos torneios e competições esportivas como um modo de celebrar as qualidades corporais. A vitória nos torneios olímpicos desempenhava um deslumbre social a ponto de decidir o resultado de guerras e disputas territoriais. O corpo não era apenas alvo de admiração por sua beleza, mas também reverenciado

como arma de combate. Os homens eram preparados para luta em razão de constantes conflitos e seus corpos constituíam um aspecto importante na vida militar e política dos gregos (PELEGRINI, 2005).

Assim, a beleza na idade clássica grega era completamente idealizada e produzida. Havia um ideal ao qual o cidadão deveria modelar e produzir seu corpo para exaltação e para suprimento dos interesses do estado. O corpo era valorizado por sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. A estética, o físico e o intelecto faziam parte da busca pela perfeição, de modo que o corpo belo tinha a mesma importância de um extraordinário desempenho intelectual (BARBOSA *et al*, 2011).

Na Idade Média, com a ascensão do cristianismo, surge uma nova concepção de corpo, que passa a observar o belo na perspectiva do pecado e proibição. O cristianismo opera como método de repressão do corpo ao mesmo tempo em que é glorificado pela imagem de Cristo, que sofreu pelo corpo. Portanto, a dor física passa a adquirir um caráter espiritual a partir do ensinamento proposto por Cristo ao lidar com a dor do corpo; dor essa mais importante do que os prazeres (TUCHERMAN, 1999; SOUZA *et al*, 2018).

Souza *et al* (2018) apontam a obra “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco, como fonte de suma importância para a compreensão desse período na história. Isso pois seu enredo transpõe o embate filosófico e religioso que enlaça o homem medieval: racionalismo e misticismo. Quanto à expressão do corpo feminino, os autores apontam que:

ao mesmo tempo que o moralismo medieval convidava os homens a desconfiarem dos prazeres da carne, celebrando publicamente a mansuetude feminina, fora do ambiente doutrinário existiam os cantos dos goliardos (Carmina Burana): estudantes ou cavaleiros que, por meio de composições potéticas, seduziam pastoras e gozavam de suas graças. Nesses cantos é possível observar descrições amáveis da beleza das donzelas medievais (*Ibidem*, p.90).

Do mesmo modo que em períodos anteriores, na Idade Média o corpo foi instrumento de concretização das relações sociais. A sociedade feudal, modo de organização social e político que se fundamentou especialmente sobre a propriedade da terra cedida pelo senhor feudal ao vassalo em troca de serviços, predominava na Europa nesse período da Idade Média. Essa característica agrária da época explicava a presença corporal na vida cotidiana, fazendo com que qualidades físicas como altura, força, cor de pele, peso corporal, fossem associados ao vínculo que o sujeito

tinha com a terra, determinando as distribuições das funções sociais (PELEGRINI, 2005).

O homem medieval era extremamente contido, submetidos a ordens rígidas e a um sistema de castas que o impedia de qualquer tipo de ascensão social. Seus desejos individuais eram proibidos, a moral cristã castrava qualquer tipo de prática corporal que tendesse o culto ao corpo, levando a crer que o corpo era corrupto, sujo, pecaminoso, culpado, considerado um impedimento para o aprimoramento da alma e para isso deveria ser submetido a punição (*Ibidem*, p.3).

No que concerne a mulher, a Igreja acreditava que elas possuíam poderes sobrenaturais advindos de uma troca de fidelidade e adoração ao diabo. “Estas mulheres, que abandonavam as práticas cristãs e realizavam pactos com o mal eram descritas por diversos autores eclesiásticos medievais, sob a denominação de bruxas ou feiticeiras”, como aponta Pires (2015, p.19).

Com o intuito de salvar o herege, a inquisição passa a utilizar a tortura e a fogueira como forma de punição com autorização do Papa. Esses eventos, eram assistidos pelo povo e pelas autoridades eclesiásticas como uma festividade, assim como nas arenas romanas o cristão era morto em razão de sua fé. As punições seguidas de morte por enforcamento ou fogueira, eram imputadas principalmente às mulheres acusadas de bruxaria. Elas eram despidas, suas cabeças raspadas e todo corpo passava por um exame minucioso a procura de um sinal que pudesse comprometê-las (BARBOSA *et al*, 2011).

A Idade Média foi uma época de grande controle sobre o corpo, sobretudo, o controle do corpo feminino, associado diretamente à sexualidade, instalada nesse período da história na dimensão do mal. A sexualidade e o corpo foram representados como algo ligado diretamente ao pecado; era pela sexualidade que o demônio se apropriaria do corpo e em seguida da alma da pessoa (*Ibidem*, p.27). Assim sendo, as mulheres eram consideradas agentes do demônio, e tentações ambulantes para fazer desviar os homens em razão de seu desejo por elas.

Através do contato íntimo das bruxas com o demônio, elas seriam capazes de causar diversos males, entre eles a impotência masculina, a impossibilidade de livrar-se de paixões desordenadas, abortos, oferendas de crianças a Satanás, estrago das colheitas, doenças, entre outros. As mulheres, que nas culturas de coleta eram quase sagradas devido à sua fertilidade, durante a Inquisição passaram a ser, devido a sua capacidade orgástica, causadora de todos os males e flagelos. De acordo com o pensamento medieval, as feiticeiras ou bruxas eram encontradas entre as mulheres que ainda não tinham sua

sexualidade normatizada e procuravam impor-se no domínio público, exclusivo dos homens. De doadora e geradora da vida, a mulher passa a ser vista como a primeira e maior pecadora, a origem de todas as ações nocivas ao homem, à natureza e aos animais (PIRES, 2015, p.90).

Na transição da Idade Média para a Idade Moderna se tem uma série de transformações sociais pautadas na moral, havendo aqui uma ruptura com a tradição cristã que inaugura a passagem do teocentrismo para o antropocentrismo. Com o Renascimento, as ações humanas passam a ser pautadas no conhecimento científico, preocupando-se mais com a liberdade do indivíduo. O ideal renascentista inaugura um corpo anatômico e biomecânico, investigado, descrito e analisado, como propõe (GAYA, 2005; SOUZA *et al*, 2018).

Em uma perspectiva social, o Renascimento foi incapaz de sustentar um equilíbrio, tendo a imagem da cidade ideal, a nova Atenas, corroída interiormente, culminando em uma catástrofe política na Itália e a ruína econômica (ECO, 2015). Todavia, o desenvolvimento da produção agrícola, dos meios de transporte durante a sociedade feudal e o aumento da produtividade no campo aliado à expansão comercial, possibilitam o surgimento de condições fundamentais ao desenvolvimento da indústria na modernidade.

Essas modificações, aliadas a mudanças sociais, desembocaram no surgimento do sistema capitalista. A forma de produção do sistema capitalista, a partir do século XVII, causou uma mudança drástica nas relações com os trabalhadores. Nessa lógica de produção, o corpo mostrou-se tanto oprimido como manipulável, uma vez que a evolução da sociedade industrial propiciou um elevado desenvolvimento técnico-científico. As novas possibilidades tecnológicas permitiram à sociedade moderna um crescimento de técnicas e práticas sobre o corpo (SOUZA *et al*, 2018, p.91)

Com o advento da globalização, que trouxe um comportamento consumista a partir do surgimento do sistema capitalista, traz-se uma nova lógica do corpo que visa a substituir o corpo orgânico pela máquina que vem a ser preconizada pela mídia como símbolo de força e eficácia. Há assim, uma busca incessável por esse corpo idealizado pela mídia, levando ao fenômeno do narcisismo, que de acordo com Souza *et al* (2018, p.91) é o momento “em que o indivíduo volta a libido para o próprio âmago, causando, assim, imensa frustração ao não atingir seu ideal”.

Através do exemplo de ícones, a mídia impulsiona uma série de práticas, como a “bodybuilding”, que consiste no atleta que realiza o uso de diversas substâncias – entre elas, esteroides –, submete-se a uma rotina intensa de exercícios físicos, entre outras práticas consideradas extremas em prol de um corpo musculoso que lhe passa a concepção de virilidade e poder. Assim, a mídia traz a explícita mensagem de que a beleza se associa ao corpo perfeito e este, à felicidade e saúde (*Ibidem*, p.91).

Atualmente, no que concerne à mulher, Del Priore (2009) aponta que a harmonia entre beleza, juventude e saúde se configuram como a identidade corporal feminina. Assim, tanto quanto no caso dos homens, a mídia desempenha um papel central, impulsionando esses sujeitos a se colocarem à mercê da manutenção dos corpos sempre incitando a beleza como juventude e esta como saúde.

2 O ESTATUTO DO CORPO NA PSICANÁLISE

O corpo se configura como um objeto de estudo amplamente pesquisado pelos mais variados campos do saber, compreendendo em seu conceito uma série de aspectos que vão desde o corpo biológico, anatômico, ao corpo social, antropológico e histórico. A Psicanálise, por sua vez, embora não desconsidere os demais estatutos do corpo, traz para ele uma nova perspectiva, o corpo subjetivo que atua como instrumento teórico e clínico deste campo (LAZZARINI e VIANA, 2006).

No que tange às condições para a passagem “do corpo somático da biologia para o corpo erógeno, suposto corpo da Psicanálise”, como apontam Lazzarini e Viana (2006, p.242), Gantheret (1971) ressalta que a partir do momento em que Freud inaugura o inconsciente isso é feito a propósito de uma linguagem sobre o corpo.

Para Assoun (1955), em Freud, o corpo em Psicanálise é um paradoxo, aparecendo como *Körper*, um corpo real, *Leib*, um corpo enquanto substância viva, e *Soma*, um corpo somático:

Ele designa ao mesmo tempo uma profundidade, um dentro insondável, e uma superfície, um horizonte de visibilidade insuperável. No plano terminológico, essa distinção recorta, em parte, a do Leib e do Körper. (...), no Leib relativo aos mitos do nascimento, ou ainda como fonte das excitações internas (...). O Körper em referência aos processos somáticos, ao próprio corporal. Esse paradoxo se resolve por um meio termo que relaciona a profundidade, de certa forma, com a superfície, a saber, o sintoma: aquilo que goza dos poderes do Leib e que modifica o Körper. Os sintomas do corpo recaem, assim, na corporificação do sintoma, processo de encarnação que a histeria descreve de maneira privilegiada. O essencial é determinar de que maneira o corpo intervém nessa dialética do sintoma, da qual o corpo é um momento necessário, mas não um princípio constituinte. (*Ibidem*, p.177)

Sobre o postulado apresentado por Assoun (1955) a respeito do conceito psicanalítico de corpo, Lazzarini e Viana (2006) apontam que a articulação da teoria da sexualidade de Freud revoluciona a concepção de corpo a partir do Soma e “vai desembocar na noção de corpo erógeno, inserido na linguagem, na memória, na significação e na representação, ou seja, corpo próprio da Psicanálise” (*Ibidem*, p.242).

2.1 O Corpo Pulsão

Na perspectiva de um enlaçamento corpo e psiquismo, Freud compreende que o afeto que se desloca para uma parte do corpo, esse processo de conversão, está diretamente relacionado com a vida sexual. Sobre isso, Sales e Herzog (2019, p.1) apontam que:

Assim, explicando as manifestações histéricas através de um conflito psíquico de cunho sexual, e não de uma determinação orgânica, nasce a Psicanálise, que, contrapondo-se ao estatuto científico de sua época, rejeita a oposição corpo x psiquismo e inaugura uma noção singular de corpo. O corpo deixa de estar restrito ao organismo, aos domínios anatômico e biológico, passando a ser atravessado pelo campo sexual e permeado pelo da linguagem.

Com a formulação do conceito de pulsão sexual e a concepção da sexualidade infantil – que aponta uma sexualidade não mais restrita ao adulto – em 1905, através do artigo “Três Ensaio sobre a Sexualidade”, o estatuto de corpo ganha mais força, e o campo da sexualidade é ampliado para além da reprodução, enfatizando o prazer. Com isso, passa-se a pensar em um corpo que é habitado por um conjunto de zonas erógenas constituídas ainda na infância através do investimento libidinal do adulto. É indissociável, deste momento em diante, o pensar o corpo em Psicanálise sem articulá-lo ao conceito de pulsão (*Ibidem* p.1)

A pulsão é um conceito trazido por Freud e considerado, até mesmo pelo próprio autor como mítico. Isso decorre da peculiar característica que a pulsão possui de não se dar por si mesma – tanto em nível consciente quanto inconsciente – e de possuir uma essência em duplo, somática e psíquica. Tem-se conhecimento dela, portanto, através da representação (*Vorstellung*) e do afeto (*Affekt*) (LIMA, 2005). Sendo assim, para Assoun (1955), a pulsão (*Trieb*) configura-se como conceito princeps e possui função fundamentadora da Psicanálise.

Quando Freud enuncia esse conceito de pulsão na obra dos “Três Ensaio”, confere ao estado prático de suas formulações um estatuto teórico que permite fundamentar sua teoria psicanalítica da sexualidade. O conceito de pulsão é, portanto, a ancoragem do psiquismo no corpo, responsável por mover o registro psíquico. Isso possibilita uma transformação na concepção dualista de corpo e psiquismo, colocando pulsão enquanto lugar de encontro entre ambos. Para tanto, Lazzarini e Viana (2006, p.244) ressaltam que:

ele teve de opor os registros do organismo e do corpo, porque o corpo pulsional não se identificaria com o conceito biológico de somático. É como corpo pulsional, que o corpo pode ser auto-erótico e narcísico. Além disso, como força constante e exigência de trabalho imposta ao psiquismo pela sua ligação com o corpo, a pulsão seria origem e um dos fundamentos do sujeito.

No que se refere a essa oposição, no artigo de 1905b/1972, Freud aborda a primeira dualidade pulsional entre as pulsões sexuais, referenciadas ao campo do desejo, e as pulsões de autoconservação, que dizem respeito ao campo do eu. Acreditava-se, nesse momento, que a regulação do eu ocorria pelo interesse do sujeito na autoconservação, e não de qualquer maneira sexual. No entanto, como ressalta Lazzarini e Viana (2006, p.244), “a pulsão não estava no corpo somático; ela nascia dele, mas não podia ser reduzida”.

Em seu texto “À Guisa de Introdução ao Narcisismo”, Freud postula as consequências acerca de interpretar-se o eu a partir de um psiquismo fundado nas pulsões. Diante disso, relata que da mesma maneira que, a princípio, a libido objetual oculta a visão da libido do Eu, o que se pode observar é que a criança toma os objetos sexuais de acordo com o que experimenta enquanto satisfação. As primeiras satisfações sexuais, que são autoeróticas, são vivenciadas a serviço da autoconservação. Assim, primeiro as pulsões sexuais se apoiam no processo de satisfações das pulsões do eu para que, mais tarde, possam ser tornar independentes dela (FREUD, 1914/2004).

Tal postulado permitiu a descoberta de um novo tipo de escolha objetual para além da mãe enquanto modelo, tendo como objeto amoroso a si mesmo. Descobri-se uma escolha narcísica que abre espaço para a erotização do eu. Isso faz com que as pulsões do eu, que são de cunho exclusivamente sexual, e as de autoconservação, também dentro do campo do eu, coexistam dentro da mesma pessoa. Lazzarini e Viana (2006, p.245) ressaltam que “desta maneira estabelece-se dois tipos de escolha objetual: anaclítica (ou de ligação) e narcisista, que passam a estar abertas a cada pessoa.”

2.2 O Corpo Narciso

Através do conceito de narcisismo, que inaugura um Eu investido libidinalmente, Freud garantiu um novo status à articulação entre representação

corporal e imagem. Até 1920, a representação do corpo estava vinculada exclusivamente a imagem, a uma caracterização marcada pela fragmentação autoerótica. Todavia, com o artigo de 1914 visualiza-se uma certa unificação de corpo (SALES e HERZOG, 2019).

Em um primeiro momento da vida psíquica, o ego do bebê se encontra alvo de uma série de pulsões que se satisfazem – em grande parte – a si mesmo, caracterizando-se como a etapa do autoerotismo. Freud apresenta o termo em seu texto “Os Três Ensaio” enquanto significante que caracteriza a sexualidade infantil em seu estado original, que antecede ao narcisismo, “no qual a pulsão sexual, ligada a um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontra satisfação sem recorrer a um objeto externo”, como ressalta Lazzarini e Viana (2006, p.245).

No narcisismo se identifica um movimento diferente, em que as zonas erógenas saem de um registro dispersivo para um unificado, constituindo uma espécie de corpo totalizado. A imagem corporal é a ordenação dessa totalidade em imagem. Birman (1999) descreve a consequência desse processo como a instituição de um eu e corpo unificado em uma mesma realidade, condição de uma totalidade que se inscreve no espaço e no mundo. Portanto, Lazzarini e Viana (2006) marcam a passagem da dispersão para unidade como a passagem do autoerotismo para o narcisismo.

Esse corpo narcísico, que tende à uma unificação, possui uma correlação com a constituição do eu. Sobre isso, a partir do estabelecimento, por Freud, da pulsão enquanto energia constante, e o corpo pulsional enquanto matéria prima para a constituição do corpo narcísico, constrói-se, ainda nesse percurso enquanto corpo narcísico, uma sequência na constituição do eu. Birman (1998) aponta um narcisismo primário em que o sujeito se materializa pelo não reconhecimento do outro na medida em que o secundário se finda nesse reconhecimento. Há, portanto, um corpo regulado pelo prazer e outro pelo princípio da realidade.

Destarte, na medida em que o narcisismo primário demarca a primeira unificação egóica do indivíduo, o narcisismo secundário vem circunscrever o retorno da libido ao Eu após os investimentos mundanos. Sob a batuta desta prevalência fálico-egoíca – portanto, ainda incipiente para tratar do horizonte feminino –, as consequências destas distinções levam Freud a sustentar que talvez o encadeamento mais lógico da sexualidade seja: autoerotismo □ narcisismo □ escolha objetal. (WAMLING, 2019, p.27).

Freud (1914b/2004) aponta no corpo do narcisismo secundário, marcado pela dimensão da alteridade e redimensionado pela submissão ao Édipo e à castração,

uma assimetria que se constitui na presença do outro, no olhar de um outro sujeito. Este, em um primeiro momento, é o olhar idealizante e narcísico dos pais que vai se tornando cada vez mais evidente para o filho. O eu infantil é, portanto, a redenção da existência dos pais e seus desejos.

Todavia, há a perda dessa posição idealizada que se sustenta pelo olhar dos pais, o que deixa esse sujeito infantil marcado pela angústia. Esta, por outro lado, segundo Lazarrini e Viana (2006) atua no rompimento desse sujeito com a alienação narcísica e a inscrição na alteridade, o que possibilita ao sujeito o reconhecimento de outros ideais para além dos que foram conduzidos pelo seu narcisismo.

2.3 O Corpo Enquanto Sintoma

Embora Freud não tenha se preocupado com uma definição precisa do que vem a ser o corpo, essa temática é evidente em sua obra, sendo apresentada de maneira mais sutil através dos atravessamentos em suas elaborações. Isso ocorre, pois, o nascimento da Psicanálise deve muito à “patologia do corpo”, cujo sintomas eram definidos na época como histeria. Intrigando a comunidade médica ao final do século XIX, a histeria foi o primeiro passo rumo à Psicanálise e ao pensar o corpo de modo distinto (SALES e HERZOG, 2019).

Em seus estudos sobre a histeria, Freud já afirmava que o corpo histérico só seria passível de definição a partir de um olhar que ultrapassasse a anatomia, as paralisias e afasias, e entrasse no campo da representação corporal que habita no imaginário social. Portanto, ao permitir a fala às histéricas e, acima de tudo, ao possibilitar uma escuta de seus discursos, abre-se um novo caminho, um novo campo. Esse passo dado por Freud é fundamental para o conceito de inconsciente e o entendimento de que este obedece a uma lógica diferente (LAZZARINI e VIANA, 2006).

De modo a esclarecer os fenômenos histéricos, Freud (1984/1996d) vislumbra nos sintomas histéricos um afeto que se separa de sua representação e, deste modo, desloca-se para uma parte do corpo. Assim, o corpo histérico evidencia-se pelo fenômeno da conversão que, de acordo com Assoun (1995, p. 178), “é a mutação em corporal dessa soma de excitação que é liberada de sua repressão e tem por efeito neutralizá-la”.

Belchior *et al* (2019) apontam que existe um questionamento estrutural da histeria que se trata do ser homem ou mulher. Para os autores, isso pode conduzir a um equívoco de correspondê-la ao gozo feminino. Todavia, vale ressaltar que a histeria não exclui a feminilidade e sim que a mulher pode se comunicar tanto pela via do gozo fálico quanto com o Outro gozo. Por gozo, entendendo que “subjacente ao que se distingue na experiência do prazer e do sofrimento, há algo que invariavelmente se satisfaz e do qual não se sabe. Lacan deu-lhe o nome francês de *jouissance* (gozo)” (MILLER, 2012, p.13).

Roudinesco e Plon (1988) destacam que inicialmente o gozo em Lacan pode ser entendido como ligado ao prazer sexual, mas que implica a ideia de uma transgressão da lei. Todavia, o conceito foi repensado por Lacan que, através da teoria da identidade sexual descrita nas fórmulas da sexuação, levaram-no a distinção entre gozo fálico e gozo feminino.

O conceito de gozo é delineado por Lacan de maneira mais aprofundada em “O Seminário, livro VII, a ética da Psicanálise” (1959/1960) através da articulação com os conceitos freudianos de pulsão de morte e transgressão da lei paterna. E, assim, Lacan (1959/1960, p.251) aponta que:

O problema do gozo, visto que ele se encontra soterrado num campo central, com aspecto de inacessibilidade, de obscuridade e de opacidade, num campo cingido por uma barreira que torna seu acesso mais do que difícil para o sujeito, inacessível, talvez, uma vez que o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (*besoin*), mas como a satisfação de uma pulsão, no sentido em que esse termo precisa de uma elaboração complexa.

Por pulsão de morte, Lacan (1959/1960-2008) compreende como uma lei que se localiza para além de toda e qualquer outra lei e que se estabelece a partir de uma estrutura final de um ponto de fuga da realidade inalcançável. A meta da pulsão de morte é a satisfação infinita mobilizada para impossibilidade dessa satisfação. Nesse sentido, o gozo é proposto pelo autor como satisfação dessa pulsão no “O Seminário, livro VII: a ética da Psicanálise” (COELHO, 2019).

No que concerne à transgressão da lei paterna, Lacan inscreve o gozo enquanto um conceito psicanalítico, implicando – a priori – a “ideia de transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio (...) posteriormente, o gozo foi repensado por Lacan no âmbito de uma teoria da identidade sexual, expressa em fórmulas da sexuação” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.299).

A lei paterna não vem falar de um homem ou de uma pessoa em específico. Aqui se fala de fato do que Lacan vem a conceituar como Nome-do-Pai que, como Pugsley (2018, p.40) ressalta,

é uma espécie de engrenagem que integra as pulsões parciais e a sexualidade à dialética do desejo, ou seja, submete o ser de gozo do sujeito à lei fálica do desejo. Essa redução do pai ao nome, do pai ao pai morto, torna-se o equivalente à função do que se transmite no Édipo, que não é a transmissão da vida, mas a transmissão subjetiva de um desejo. O funcionamento do Nome-do-pai, como significante que mortifica o gozo, permite ao neurótico, ou seja, àquele que passou pelo Édipo, encontrar, nessa passagem pelo Outro, uma razão para o seu gozo, uma lei que, ao dividir esse gozo, autoriza o desejo. O Nome-do-pai é o significante que sustenta o sujeito confrontado à castração.

Diante de tais conceitos, é importante que, ao distinguir histeria e feminilidade, considere-se que ambas possuem pontos congruentes na medida em que apontam para o enigma feminino. Freud (1908/2015), sobre esse enigma, destaca uma relação triangular na histeria onde a histérica escolhe a mulher e, através dela, visa desvendar o que essa mulher causa no homem e o que há nessa mulher – através do olhar do homem – que o atrai. Diante disso, Belchior *et al* (2019, p.149) afirmam que “o gozo na histeria não é remetido à satisfação com o objeto em si, como Freud outrora pensara”.

É comum que venha se confundir feminino com histeria pela frequência com que se encontram mais mulheres histéricas do que obsessivas na clínica psicanalítica. Todavia, é importante sinalizar que enquanto a histeria trata de uma estrutura, o feminino é uma posição. Nem a histeria ou feminino tratam de gêneros. E sobre isso, Belchior *et al* (2019, p. 150) apontam que:

O gozo feminino encontra-se dos dois lados: o fálico, que é o gozo sexual propriamente dito, e o não-todo fálico, no qual se situa o gozo Outro. Esse gozo Outro é aquele que se relaciona com a falta no Outro e que Lacan considera enigmático. Ele está fora do significante, está para além do falo, exatamente onde se situa o lado feminino.

Deste modo, observa-se como os conceitos de histeria e feminino estão para além de gêneros, embora possam estar próximos em algumas colocações. O gozo fálico e o gozo Outro, por sua vez, destacam-se como as engrenagens do sintoma que, no trabalho em questão, vem a ser apresentado como um luto pelo corpo envelhecido em suas mais diversas manifestações.

3 O LUTO PELO CORPO ENVELHECIDO

A maneira com que as mulheres enfrentam seu processo de envelhecimento, para além dos aspectos individuais, insere-se uma série de fatores da realidade social, econômica e cultural. Observa-se que as mulheres se apresentam mais angustiadas diante do envelhecer do que os homens, e sofrem maior impacto diante da visibilidade de seu envelhecimento (FIN *et al*, 2015; AGUIAR *et al*, 2018).

Essa preocupação com o envelhecer, que começa a aparecer com maior evidência na meia idade, tem culminado em um aumento expressivo de tratamentos estéticos rejuvenescedores, fazendo com que as indústrias médicas, farmacêuticas e de cosméticos, direcionem cada vez mais seus esforços no desenvolvimento de técnicas e produtos que visem “resgatar a juventude” (MORANDO *et al*, 2017; CASTRO *et al*, 2018; CARRARA *et al*, 2020).

Na sociedade contemporânea, o enquadramento nos padrões deste culto ao corpo tem encorajado a procura por diversos procedimentos médicos como solução rápida para algumas insatisfações. Além da supervalorização da juventude como um bem em si mesmo, acrescentou-se a ideologia de um corpo não só jovem, mas também portador de medidas ideais. Um corpo magro, belo e jovem virou um mandamento ligado à ideia de sucesso e felicidade de nossa época. O suposto sacrifício exigido para modelar o corpo é compensado idealmente pela crença de um sucesso futuro (DANTAS, 2011).

Os apelos midiáticos colocam a mulher diante de um ideal que requer a submissão do corpo em silicones, esteroides, botox, cirurgia a laser, entre outros; tudo em prol da conquista do ideal de corpo, de beleza, de juventude. Para Castro (2007, p.28), “a possibilidade de esculpir-se ou desenhar seu próprio corpo é algo que propicia a cada um estar o mais próximo possível de um padrão de beleza estabelecido globalmente; afinal, as medidas do mercado da moda são internacionais.”

Esculpir, modelar e transformar são verbos muito presentes nos discursos diários sobre o corpo e verbos fortemente endossados pelo saber médico. Estamos falando de uma tecnologia a serviço de uma suposta melhoria no corpo. Parece que nossa relação com o corpo se encontra atravessada pelo nosso momento histórico e por um olhar de intervenção médico que nos diz exatamente como enfrentar e alterar as mudanças do nosso corpo. Situações antes consideradas normais de serem enfrentadas durante a vida estão sendo majoritariamente tratadas e solucionadas pela medicina. Buscamos os últimos tratamentos de emagrecimento, o novo ácido capaz de retardar o envelhecimento, a cirurgia capaz de transformar o corpo em obra de

arte. Obra de arte encontrada em revistas e passarelas da moda. Medicalizamos e tratamos o corpo por uma não aceitação dele enquanto um processo natural de contínua mudança. Nos rendemos aos modismos tornando o corpo objeto e esquecemos seu caráter temporal e histórico (DANTAS, 2011, p.899)

Assim, o corpo é tratado como objeto a ser manipulado, uma imagem a ser colocada diante da beleza, da perfeição. A imagem corporal, ou esquema corporal, pode ser definida como o desenho que cada sujeito faz de seu próprio corpo. Essa percepção é construída e organizada tanto pelos sentidos corporais internos e externos como pelas representações mentais referentes ao corpo fornecidos pela cultura e pela história individual de cada sujeito (DALGALARRONDO, 2019).

A imagem corporal está sempre ligada a experiência afetiva imposta na relação com o outro, sendo o esquema corporal aquele que corresponde à totalidade da organização psicológica do indivíduo. O corpo é o principal palco de nossas vidas, lugar de dor, prazer, medo, desejo, angústias. As dimensões do Eu corporal estão associadas a intimidade, a privacidade e sexualidade, o Eu corporal é antes de tudo um Eu sexuado, o Eu que busca sua realização com o outro não é outra coisa que o corpo atuando como ser sexuado (*Ibidem*, p.249).

Portanto o discurso social de uma determinada época causa conflito na imagem feminina, as mulheres por estarem inseridas em certa cultura de uma época tem como referência os valores e padrões que indicam o que é uma mulher bela. No entanto, qual será a função que o ideal de beleza de sua época irá exercer sobre seu psiquismo tem relação com a sua experiência particular de constituição psíquica – castração e sua elaboração, relação com as figuras parentais, construção do seu eu ideal e posterior ideal de eu (SILVA e REY, 2011).

Percebe-se que esse apelo para que a mulher se torne cada vez mais bela, têm marcas profundas em sua subjetividade e deixa marcas em sua história. Estar de um lado ou outro da balança da beleza na sociedade contemporânea é uma linha tênue entre ser interessante, bem-sucedida, feliz, mais ou menos feminina e, acima de tudo, desejada.

Desta forma, a beleza pode tornar-se o representante do falo para a mulher, o falo que lhe falta, esse objeto que corresponde à falta em razão de ter nascido castrada. No que concerne a essa lógica do falo, Martins (2021, p.6) assinala que:

Poderíamos dizer que, na obra lacaniana, a lógica do falo atravessa a relação entre os sexos. Ela gira em torno do ter/ não ter e ser/não ser o falo (Lacan, 1975). No que tange à diferença sexual, o significante

fálico estrutura as relações em duas esferas diferentes: uma anatômica e, outra, simbólica (e não necessariamente consonante com certa anatomia). Isso quer dizer que encontramos em Lacan uma castração anatômica – a ausência de pênis nas mulheres, que acaba por “explicar” sua inexistência, como veremos depois –, latente, subjacente a uma castração simbólica. Essa última é efetivamente discutida e realçada na obra de Lacan.

No que concerne a castração, Ravasio (2011) aponta que se trata de uma experiência apoiada na diferença anatômica entre os sexos. “Essa experiência é angustiante, pois, até então, a criança se sentia onipotente, completa, o grande amor da mãe, sendo falo, ou seja, aquilo que a completa” (*Ibidem*, p.5).

A mulher, ao apelar para a beleza e seus ideais, os usa como uma maneira de elaborar sua falta, sendo as intervenções sobre esse corpo, complementações que cooperam para o processo de tornar-se mulher, como uma compensação fálica. (SILVA e REY, 2011).

Porém, quando se torna escrava desses ideais a beleza parece mais uma tentativa inútil de ocultar essa falta negando a castração. Assim, uma insatisfação crônica com a imagem corporal pode indicar que ao invés de ser complemento ao ser feminino (elementar), o embelezar-se acaba sendo um compromisso obrigatório, havendo aí uma inversão, isto é, de complemento, a busca pelo ideal se torna condição ilusória de completude e o sujeito perde para ele o estatuto de elementar (*Ibidem*, p.555).

Nada mais cruel do que lutar com um inimigo implacável e inexorável. Contra ação do tempo as mulheres lutam, tentando manter-se sempre jovens e belas. Frenéticas e enlouquecidas consumindo compulsivamente toda sorte de produtos que prometam retardar o seu envelhecimento e manter sua beleza, essas mulheres lutam contra si, perdendo-se no espelho a procura de si mesmas. Se antes as roupas as aprisionavam, agora se aprisionam no corpo - na justeza das próprias medidas (VILHENA, 2005).

O luto por esse corpo envelhecido seria, portanto, um conjunto de processos que podem privilegiar ao gozo ou ao desejo, à entrega desmedida às perspectivas midiáticas de corpo, beleza e juventude, ou ao entendimento de um não-todo que pertence a todo sujeito, e ao real que se coloca no tempo de vida que passa.

Todavia, na medida em que a aparência ocupa o lugar do mais particular do sujeito, paradoxalmente, o mais íntimo ocupa o lugar da pele, encontra-se na superfície do sujeito. A contradição habita na busca pelo mais particular através de

um ideal coletivo. O que há de si depois de tudo que foi feito em prol do olhar do outro? (*Ibidem*, p.140)

No que diz respeito à perda desse objeto que é um corpo idealizado cujo desejo nunca cessa e que, com o envelhecimento, coloca o sujeito diante de um real – como algo sem “sentido”, aquilo que não pode ser nomeado precisamente pela impossibilidade de simbolizá-lo – não alcançável, Freud (1915/2010), em seu texto Luto e Melancolia, aborda o movimento libidinal diante da perda desse objeto de amor:

O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto. Isso desperta uma compreensível oposição — observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia. Essa oposição pode ser tão intensa que se produz um afastamento da realidade e um apego ao objeto [...]. O normal é que vença o respeito à realidade. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique. [...]. Mas o fato é que, após a consumação do trabalho do luto, o Eu fica novamente livre e desimpedido (*Ibidem*, p. 173-174).

Assim, para Freud, o luto se configura por um momento em que o objeto já não mais existe e toda libido investida nele deve ser retirada para que, na melhor das hipóteses, possa ser redirecionada a outro objeto. Todavia, o luto ainda é a consequência de uma experiência de perda, sendo preenchido por grande angústia (SILVA, 2019). Neste contexto, é do luto pelo corpo ideal, midiático e cuja lógica de consumo domina que se trata.

O luto se opera diante de um corpo feminino como objeto de gozo fálico, um corpo que, diante de uma lógica capitalista de consumo – que o configurou como um lugar que se diz que pode gozar – é submetido a toda e qualquer intervenção para que se reúna em um só lugar, um só objeto, a beleza, saúde e a juventude (LIMA *et al*, 2013).

Na tentativa de se distanciar do corpo real, entendido como aquele marcado pela falta, muitas vezes a mulher, impelida por imperativo de gozo, busca compulsivamente modificar o corpo, recorrendo a métodos de remodelamento. São desde procedimentos superficiais aos mais invasivos, como as cirurgias plásticas e implantes (*Ibidem*, p.50)

Freud (1930/1996), em “O Mal-Estar na Civilização”, aponta a decrepitude do próprio corpo como uma das três fontes de mal-estar na cultura; além da força da

natureza e a dificuldade de se estabelecer relações interpessoais. Ainda no mesmo trabalho, adverte para a busca da felicidade pela fruição da beleza na medida em que essa “atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante (*Ibidem*, p.90).

CONCLUSÃO

O presente estudo não objetivou a demonização da beleza e os meios contemporâneos para consegui-la, mas sim, apontar para uma busca que se contradiz entre o coletivo e o individual e um olhar crítico para essa imposição gerada por séculos que leva a mulher a aprisionar-se a ideais de perfeição. Além de ser bela, ela precisa se desdobrar para dar seu máximo em todos os papéis sociais que lhe cabe, sendo tudo, se é que isso é possível, o que se espera dela.

Os ideais de beleza são efêmeros, e assim como no período clássico da antiguidade, quanto na modernidade e, por fim, contemporaneidade, eles se transformaram e deixaram algo para trás. E assim está a mulher, em processo, em construção, diante do real que é o envelhecimento. E o que fazer com ele? Não se trata da imposição de uma nova norma social, colocar-se diante de um Outro de novos tempos, mas do caminho em vias do desejo de cada sujeito. Nesse sentido, a análise se coloca como a possibilidade de um contorno para esse sofrimento, privilegiando o discurso do sujeito e pensando sua complexidade pela ótica da linguagem.

As intervenções estéticas, independentemente de suas técnicas e práticas, apontam para uma angústia estrutural, mas, também, para a atualização de seus complexos e a identificação com processos que lhe prometem um todo não possível. O real, por insuportável que seja, aponta para o envelhecimento, e dar bordas a esse processo, na medida em que as intervenções lhe permitam desviar um pouco o olhar desse Outro, pode ser apontada como uma alternativa a esse olhar mais cuidadoso para si. A psicanálise põe em cena o desejo, possibilitando ao sujeito redimensionar sua forma de lidar com a falta, construindo palavras que permitam elaborar as perdas, dentre elas, a perda do corpo jovem, fálico e potente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Adriana de; CAMARGO, Brigido Vizeu; BOUSFIELD, Andréa Barbará da Silva. **Envelhecimento e prática de rejuvenescimento: Estudo de representações sociais**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 38, n. 3, p. 494-506, 2018.

ASSOUN, Paul-Laurent. **Metapsicologia freudiana**: Uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. Psicologia & Sociedade, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.

BELCHIOR, Jessica Dias.; LAMARCA, Danielle Belo; CAVALCANTE, Carolina Santos; SOUZA, Catarine. **Para-além da Histeria... O gozo feminino**. Revista de Psicanálise Stylus, n. 38, p. pp. 147 - 153, 7 out. 2019.

BIRMAN, Joel. **A epopéia do corpo. Nostalgias**. Em Bastos, L. A. M. Eu-corpando. O ego e o corpo em Freud (pp. 09-24). São Paulo: Editora Escuta, 1998.

_____. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.

CARRARA, Flávia Franco. **Percepção do envelhecimento: mulheres de meia idade e idosas que buscam por procedimentos estéticos**. ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA, v. 14, n. 49, p. 38-50, 2020.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume – FAPESP, 2007.

CASTRO, Amanda; ANTUNES; Larissa; BRITO, Annie Mehes Maldonado; CAMARGO, Brigido Vizeu. **Representações sociais do envelhecimento e do rejuvenescimento para mulheres que adotam práticas de rejuvenescimento**. PSICO - Porto Alegre, v. 47, n. 4, p. 319-30, 2016.

COELHO, Flávia Parizi Pedrosa; LEITE, Cláudia Aparecida de Oliveira; LAUREANO, Pedro Sobrinho; CHAVES, Wilson Camilo. **As bases, em Freud, do conceito lacaniano de gozo**. Revista de Psicanálise da SPPA, v. 26, n. 2, p. 377-401, 2019.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DANTAS, Jurema Barros. **Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade**. Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912, dez. 2011.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil (2a ed.). São Paulo: SENAC, 2009.

ECO, Umberto. **História da beleza**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FIN, Thais Caroline; PORTELLA, Mariele Rodrigues; SCORTEGAGNA, Frighetto, Juliana. **Estética e expectativas sociais: o posicionamento da mulher idosa sobre os recursos estéticos**. Revista Kairós: Gerontologia, v. 18, n. 4, p. 133-149, 2015.

FIN, Thais Caroline; PORTELLA, Marilene Rodrigues; SCORTEGAGNA, Silvana Alba. **Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 20, n. 1, p. 74-84, 2017.

FREUD, Sigmund. **Fragmento da análise de um caso de histeria** (J. Salomão, Trad.) Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol.VII, pp. 01- 119). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972. (Originalmente publicado em 1905).

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (J. Salomão, Trad.) Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol.VII, pp. 123- 252). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972. (Originalmente publicado em 1905).

_____. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1930)

_____. **As neuropsicoses de defesa**. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 3, pp. 49-77). Rio de Janeiro: Imago, 1996d. (Trabalho original publicado em 1894).

_____. **À guisa de introdução ao Narcisismo** (L.A. Hanns, Trad.). Em Obras Psicológicas de Freud. (Vol. I, pp. 95-131) Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Originalmente publicado em 1914).

_____. **Luto e melancolia**. In: S. Freud. Obras completas. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-193. v. 12 (Originalmente publicado em 1915).

_____. **As pulsões e seus destinos** (edição bilíngue). Belo Horizonte: Autêntica. 2013.

_____. **As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade**. In S. Freud. Obras completas (Vol. 8, 1a ed., pp. 339-349). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (Originalmente publicado em 1908)

GANTHERET, F. **Remarques sur la place et le statut du corps en psychanalyse.** Nouvelle Revue de Psychanalyse, v. 3, 135- 146, 1971.

GAYA, Adroaldo. **Será o corpo humano obsoleto?** Sociologias, n. 13, p. 324-337, 2005.

LACAN, J. **O Seminário**, livro 7: a ética da Psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. **O corpo em Psicanálise.** Psicologia: Teoria e pesquisa, v. 22, n. 2, p. 241-249, jan., 2006.

LIMA, Aluísio Ferreira de. BATISTA, Karina de Andrade. JUNIOR, Nadir Lara. **A ideologia do corpo feminino perfeito: questões com o real.** Psicologia em Estudo, v.18, n.1 p, 49-59, Universidade Estadual de Maringá, 2013.

LIMA, Jarbas. **O corpo capturado: o enlace da linguagem na constituição do corpo pulsional.** Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP: Campinas, 2005.

MARTINS, Paula Gruman. **A norma do falo e a abjeção da mulher na Psicanálise.** Revista Subjetividades, v. 21, n. 1, p. 01-05/2021, 2021.

MILLER, Jacques- Alain. **Os seis paradigmas do gozo.** Opção Lacaniana Online, ano 3, n. 7 mar. 2012.

MORANDO, Eunice Maria Godinho.; SCHMITT, Juliana Campos.; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. **Envelhecimento, autocuidado e memória: intervenção como estratégia de prevenção.** Revista Kairós: Gerontologia, v. 20, n. 2, p. 353-74, 2017.

PALMA, Renato Jesus Aparecido de Praga.; JORGE, Marco Antonio Coutinho **A constituição subjetiva no grafo do desejo de Lacan.** Estilos da Clínica, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 160-179, 2021.

PELEGRINI, Thiago. **Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais.** Revista Urutágua, Maringá, n. 8, s/p, 2005.

PIRES, João Davi Avelar. **Visões sobre o feminino e o corpo na Idade Média.** Revista Feminismos, v. 3, n. 2/3, 2015.

PUGSLEY, Maria Christina Freitas Ramos. **A lei, o pai e seu declínio: função paterna, fundamentos da lei no indivíduo, função interditória do direito.** Revista de Direito Público da Procuradoria-Geral do Município de Londrina, v. 7, n. 1, p. 33-50, 2018.

RAVASIO, Marcele T. Homrich. **A escuta analítica de professoras e a posição subjetiva:** a experiência do Grupo Ponte em operacionalização na rede municipal de ensino em Santo Ângelo/RS.

ROUDINESCO, Elisabeth., PLON, Michael. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SALES, Jôse Lane; HERZOG, Regina. **O estatuto de corpo na obra de Freud.** pós-1920. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 35, e35420, 2019.

SILVA, Heloisa Cardoso da; REY, Siloé. **A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico.** *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 554-567, 2011.

SILVA, Glaucia Vanete da. **Psicanálise e luto - possíveis leituras.** *Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos.* 2019. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0475.pdf>>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

SOUZA, José Carlos; LOPES, Luiz Henrique Bernardinelli; SOUZA, Vítor Cruz Rosa Pires de. **A dimensão do belo no tempo.** *Revista Psicologia e Saúde*, v. 10, n. 3, p. 87-94, 2018.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros.** Lisboa: Nova Vega, 1999.

VILHENA, Junia de; MEDEIROS, Sergio de Vilhena; NOVAES, Joana de Vilhena. **A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade.** *Revista Mal-estar e subjetividade*, n. 1, p. 109-144, 2005.

WAMLING, Diego Luiz. **Anlehnung: O Rudimento do Feminino Em Freud.** *Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia*, v. 11, n. 30, p. 20-37, 2019.